

Edison Borba

# Referências Femininas

*um mergulho  
no mundo feminino*





# **Referências Femininas**



Edison Borba

# Referências Femininas



Rio de Janeiro  
2019



O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

Referências femininas  
Copyright © 2019, *Edison Borba*  
Todos os direitos são reservados no Brasil.

**PoD Editora**

Rua Imperatriz Leopoldina, 8 sala 1110  
Centro – Rio de Janeiro - 20060-030  
Tel. 21 2236-0844 • [www.podeditora.com.br](http://www.podeditora.com.br)  
[atendimento@podeditora.com.br](mailto:atendimento@podeditora.com.br)

Capa & Diagramação:

**PoD Editora**

Impressão e Acabamento:

**PoD Editora**

Revisão:

**PoD Editora**

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

B719L

Borba, Edison  
Referências femininas / Edison Borba. 1ª ed. - Rio de Janeiro: PoD, 2019.  
172p. ; 21cm  
inclui índice

ISBN 978-85-8225-219-2

1. Crônicas. I. Título.

18-53986

CDD: 869.91

CDU: 82-1(81)

---

29/03/2019

29/03/2019

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

“As pessoas que espalham amor, não têm tempo nem disposição para jogar pedras!”

*Irmã Dulce*







# Homenagem

Marielle Francisco da Silva

Mulher negra, mãe, feminista e socióloga.

Nascida e criada no Complexo da Maré, zona Norte do Rio de Janeiro.

Marielle foi e sempre será uma referência na luta pelos direitos humanos.

Nascida em 27 de julho de 1979

Morta por assassinato em 14 de março de 2018, aos 38 anos.







# Dedicatória

Para BÁRBARA GUIMARÃES AVELAR

Dia 19 de julho de 2018, o Brasil, ganhou mais uma Médica.  
Seu nome Bárbara, minha sobrinha neta!

Filha de Ronaldo e Simone, minha sobrinha.

Orgulho das famílias Avelar, Borba, Freitas e Guimarães das  
quais ela herdou um rico e belo patrimônio não só biológico, mas  
social e ético.

Herdeira de uma herança Genética, feminina, de mulheres in-  
teligentes, fortes e guerreiras.

Bárbara é filha de Simone, neta de “dona” Neyde, bisneta de  
“dona” Hilda (Zefa), tataraneta de Emerenciana e tetraneta de Úr-  
sula.

Bárbara nasceu abençoada!

Todo o carinho e amor do seu tio avô

*Edison*







# Agradecimento

Quantas vezes deixamos de dizer “obrigado” e perdemos a oportunidade de declarar a nossa gratidão por uma gentileza ou pelo gesto de carinho recebido de um amigo.

Eduardo Roberto Borba, é um amigo silencioso. Ele não é o tipo de pessoa que faz barulho ou estardalhaço quando chega a um local. Uma pessoa de poucas palavras, mas de ações carinhosas que chegam naquele momento em que estamos “quase” numa crise de nervos.

O mundo da internet ainda é um mistério para mim. Algumas vezes vejo-me diante de situações que me deixam tenso. São nestes momentos de quase loucura, que Eduardo com toda a sua paciência, coloca todos os ponteiros em seus devidos lugares e eu equilibrado para continuar o meu exercício de aprendiz de escritor.

Eduardo, caro amigo, muito obrigado!

*Edison Borba*







# Apresentação

Este livro nasceu da necessidade que eu tive em dar prosseguimento às pesquisas iniciadas quando da publicação do “Alma Feminina”. Muitas mulheres tiveram que ficar de fora do livro, devido aos ajustes técnicos que temos que fazer ao publicarmos uma obra.

Lembro-me que na semana após o lançamento do “Alma”, receber ligação telefônica da Professora Marly (Universidade Gama Filho), cobrando-me a presença de Nise da Silveira no livro. Recebi outras ligações de amigos e colegas sugerindo nomes de mulheres, que segundo eles, deveriam fazer parte de um novo livro. Foi desta forma que esta obra nasceu!

Reunindo o material que já possuía e mais o que fui coletando no decorrer do tempo, surgiu o “Referências Femininas”, que não chega a ser uma continuidade do meu trabalho anterior, porém, mais um mergulho no mundo feminino. Acredito, que ao reunir num mesmo bloco, mulheres famosas com outras desconhecidas estamos chamando a atenção para o incrível universo feminino.

Muitas mulheres citadas aqui, são conhecidas; seus nomes e atividades estão em revistas e jornais, algumas até como manchetes. Outras, são parte da nossa História, são lembradas nas escolas e seus feitos são tratados com reverência em salas de aula. Porém, outras, são “minhas” referências; passaram pela minha vida e deixaram algum tipo de marca. Através delas, algo a mais foi acrescentado em minha trajetória pelo planeta Terra, desde a minha infância até os dias atuais.

Ao citá-las, abre-se em minha imaginação uma esperança de





que meus leitores possam fazer o mesmo, isto é, não deixar que desapareça das suas lembranças mulheres que, sem dúvida são referenciais em suas vidas.

Lamentavelmente, não podemos deixar de citar o caso do assassinato da vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco. Ela, e muitas outras são vítimas de uma sociedade que ainda não conseguiu respeitar suas mulheres. Ao falar delas queremos tocar numa ferida que incomoda a todos nós: a violência contra as mulheres, seja por homicídio ou por feminicídio.

Não, podemos nos calar sobre essa situação! Estamos convivendo com uma grave doença que atinge à nossa sociedade, que só poderá ser considerada “humana”, quando homens e mulheres, o masculino e o feminino, o genoma “XX” e o “XY” possam conviver com respeito às suas diferenças.

Na história de todos nós, mãe, é a primeira mulher que se destaca como uma referência genética, afetiva, emocional e social. Portanto, escrever, comentar, falar e analisar as referências femininas em nossas vidas é algo que está além da nossa imaginação.

Boa leitura a todos! Abraços

*Edison Borba*







# Brasileira! Que orgulho!

A professora Heley de Abreu Silva Batista da cidade de Janaúba (MG) lutou para salvar seus alunos numa creche incendiada. Aos 43 anos, Heley estava sempre preocupada em promover novas formas de ensino para que os alunos tivessem melhor desempenho no aprendizado. Mas, foi ela quem nos ensinou o “amor ao próximo”.

**Heley, obrigado por ser brasileira!**







# Prefácio

Num primeiro momento relutei em aceitar o convite para prefaciar este livro. Com a vida corrida que levamos, muitas atividades e agenda lotada, ter que ler histórias e fazer comentários, é mais um elemento complicador para a nossa vida.

E foi assim, que abandonei os textos do autor guardados no fundo de uma gaveta, por alguns dias. Porém, diante do compromisso assumido, resolvi iniciar o trabalho.

A leitura foi me contagiando vagarosamente, até que um dia resolvi telefonar para uma amiga e contar para ela o que estava fazendo. A conversa por telefone não foi suficiente e no dia seguinte nos encontramos para um café e falar sobre a minha tarefa.

Para o encontro, levei comigo as folhas com as histórias, contadas pelo Edison. Entre um biscoito e um gole de café eu e minha amiga fomos tomando conhecimento do material.

Ao final de cada página, mergulhávamos no silêncio e na xícara de café. Na maior parte do tempo, lemos em voz baixa.

Após um boa hora de leitura, fizemos uma pausa para respirar. Ficamos por alguns segundos em silêncio e minha amiga foi a primeira a falar. Lembro-me que ela, suspirou profundamente e disse: “Incrível!”

A seguir começamos a analisar a sutileza com que cada história foi narrada. Um misto de crônica e conto deixando transparecer também uma autobiografia. Foi emocionante conhecer Benice, tomar conhecimento da tragédia que envolveu mulheres prostitutas judias, a melancolia com que o autor se refere a Dolores Duran. Histórias simples, mas escritas de uma forma que, quando come-





çamos a ler, fica difícil interromper a leitura. O autor fala de sua infância e juventude, mesclando sua vida com a das personagens do livro.

Quando contada a partir da ótica masculina, a história de mulheres tem um efeito diferente, principalmente quando a leitura é feita por mulheres. Sei que o autor, já mergulhou neste universo quando nos brindou com seu livro *Alma Feminina*, porém nesta obra, a forma de abordagem é diferente do livro anterior, ele se envolve com as personagens, dando a elas uma intimidade familiar.

Eu e minha amiga, marcamos novos encontros e mais xícaras de café e mais biscoitos foram degustados durante a leitura das histórias de Leila Diniz, Nísia Floresta, Dona Olympia entre outras. Nos encantamos com a “professora de cabelos azuis”. Lindo! E, sinceramente, tomamos conhecimento de fatos que para nós duas eram desconhecidos, como a História da ladeira de Maria Ortiz.

Aplaudimos a ação do autor em trazer a questão que envolve a violência contra a mulher brasileira, quando ele coloca na mesa, um indigesto prato: o feminicídio. Não podemos nos calar diante de assunto tão sério.

Não quero me alongar muito, deixo para o leitor o sabor da descoberta. Posso garantir, que vale a pena mergulhar nas páginas deste livro e saboreá-lo juntamente com uma (ou mais) xícaras de café e alguns biscoitinhos. E, se possível, convidar uma amiga ou até mesmo um amigo para juntos se encantarem com a leitura do “Referências Femininas”.

*Nancy de A. S. Pinho*



“Não sei se a vida é curta ou longa demais para nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas”

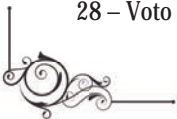
*Cora Coralina*





# Sumário

Homenagem .....	7
Dedicatória .....	9
Agradecimento.....	11
Apresentação .....	13
Brasileira! Que orgulho! .....	15
Prefácio .....	17
01 – Imagens do inconsciente .....	25
02 – Basta um dia .....	27
03 – Uma joia de Ouro Preto .....	29
04 – A tocadora de pifano .....	32
05 – Fim de caso .....	34
06 – Minha madrinha .....	36
07 – A professora.....	38
08 – Uma linda voz .....	40
09 – A dançarina e as cobras .....	42
10 – A rezadeira .....	44
11 – A carta.....	46
12 – Em família .....	49
13 – Resposta ao vento .....	51
14 – Uma mulher. Uma cidade .....	53
15 – Um diferente cemitério .....	55
16 – Canto de cristal .....	58
17 – No mundo da dança .....	60
18 – Mulher palhaço! .....	62
19 – Elas por ela .....	64
20 – A professora de cabelos azuis .....	66
21 – As três máscaras da Zefa .....	68
22 – A eterna mamãe Dolores .....	70
23 – Morta por encomenda .....	72
24 – Alma de educadora .....	74
25 – Amigo da Liz .....	76
26 – Força feminina .....	78
27 – A arte de educar .....	80
28 – Voto feminino.....	82



29 – A escritora .....	84
30 – Uma grande benção! .....	86
31 – A fiel escudeira.....	88
32 – Uma história de amor .....	90
33 – Uma pioneira do feminismo .....	93
34 – Ciranda de roda.....	95
35 – As explicadoras.....	97
36 – Ensinando a viver.....	99
37 – A feiticeira.....	101
38 – É a maior! .....	103
39 – Todas as mulheres do mundo .....	106
40 – “Ser” Enfermeira .....	108
41 – Verdade ou lenda? .....	110
42 – Enigmática .....	112
43 – Uma “nebulosa” vida .....	114
44 – A geneticista brasileira.....	116
45 – A florzinha .....	118
46 – Uma heroína .....	120
47 – Indígena com muito orgulho.....	122
48 – O abaporu .....	124
49 – Uma senhora do samba.....	126
50 – A mulher do fim do mundo.....	128
51 – Santa, anjo ou louca? .....	130
52 – O cisne da avenida .....	132
53 – O abre alas!.....	134
54 – A inconfidente .....	136
55 – A doceira de Goiás .....	138
56 – Amor botânico.....	140
57 – A menina de Oyá.....	142
58 – Uma jornalista especial.....	144
59 – A matemática.....	146
60 – Espetáculos Tonelux! .....	148
61 – A religiosa .....	150
62 – Uma revolucionária.....	151
63 – Claramente guerreiras! .....	153
64 – Saberes femininos .....	155
65 – Angelical .....	157
Posfácio.....	167



1ª PARTE

AS REFERÊNCIAS





# 01 – Imagens do inconsciente

Quando eu era um menino, costumava ver uma mulher que vagava pelas ruas, suja e maltrapilha. Estava sempre carregando um pedaço de pau e algumas bolsas. Era comum vê-la dormindo sob as marquises ou conversando com o inexistente. Minha mãe, sempre teve o cuidado de orientar a mim e a meus irmãos, que devíamos respeitar àquela senhora.

Ela nos explicava se tratar de alguém doente e que merecia de todos nós, um olhar de carinho.

Ainda criança, pude perceber que pessoas como aquela mulher, causavam medo e repúdio na sociedade.

Quando cresci me dei conta que fazia parte da nossa cultura isolar pessoas que apresentassem problemas comportamentais, por conta de um pensamento fantasioso, de as pessoas portadoras de algum tipo de problema “mental” estão acompanhadas por espíritos maus.

A palavra loucura nos remete a um mundo desconhecido e que historicamente é considerado maléfico. Durante muitos anos, este tipo de “crença” levou muitas pessoas serem torturadas, presas, violentadas e mortas.

Até hoje, apesar de toda a tecnologia e dos avanços na área da psicologia, psiquiatria e neurologia, o tratamento dado às pessoas com alguma diferença comportamental, ainda não é orgulho para a sociedade.

Foi neste mundo de grande complexidade que uma mulher se destacou. Trata-se de Nise da Silveira, que em 1946, se opõem aos tratamentos usados na área da psiquiatria, como o eletrochoque, a lobotomia, a insulinoaterapia.





Nise mergulha no imaginário dos pacientes e faz emergir um mundo mágico de cores e formas. Ela criou no Centro Psiquiátrico Pedro II, o Serviço de terapêutica Ocupacional, onde os internos passaram a dar vida ao seu inconsciente através da pintura e modelagem e, através desta produção, os médicos puderam ter acesso ao mundo de cada uma daquelas pessoas.

Nise, nasceu em Alagoas em 1905 e faleceu no Rio de Janeiro em 1999, aos 94 anos. Considerada rebelde, ela quebrou paradigmas relacionados ao tratamento de pacientes com esquizofrenia. Por suas ideias renovadoras, foi presa durante a ditadura Vargas, quando dividiu cela com Olga Benário, esposa de Luiz Carlos Prestes.

Com a finalidade de conservar e preservar as obras de seus pacientes, Nise criou o Museu do Inconsciente, onde existe um ateliê para uso das pessoas em terapia. Também neste espaço, são promovidos encontros e debates entre os estudiosos da área da psiquiatria.

Nise da Silveira, aquariana, nascida em 15 de fevereiro, foi responsável pela desinstitucionalização dos manicômios e dos externatos, onde os egressos das instituições podiam manter o trabalho com a arte e continuarem o tratamento fora das instituições.

Até hoje, as ações de Nise da Silveira continuam a estimular os estudiosos da saúde mental e graças a ela houve uma desmistificação da “loucura”. Esta condição humana não existe quando se consegue estabelecer contato com os que por algum motivo mergulham nesta incrível viagem além da imaginação.

Nise da Silveira é uma das maiores referências femininas no mundo da busca pela saúde mental.





## 02 – Basta um dia

Década de setenta, um rapaz de barba e cabelo escuros, botas, calça jeans, jaqueta e sacola de couro no ombro, é mais uma pessoa na imensa fila para assistir à peça “Gota d’ Água” com a atriz Bibi Ferreira vivendo o principal personagem.

Esse rapaz, jovem professor recém-formado, com a cabeça cheia de sonhos e muitas ideias de transformações sociais, era eu. Coração batendo forte para conferir o espetáculo de Paulo Pontes e Chico Buarque.

Como seria a tragédia grega, sendo vivida numa favela do Rio de Janeiro, em plena ditadura militar? Como Bibi representaria a protagonista, Joana, amante de Jasão?

Uma enorme expectativa tomou conta de mim, e creio de toda a plateia que ocupava o Teatro Carlos Gomes, na Praça Tiradentes, no Centro do Rio de Janeiro.

Começa, o espetáculo! Porém, o grande momento só acontece quando Bibi Ferreira entra em cena. Vestida de preto, faz uma aparição arrepiante. Ela canta, interpreta, domina o espetáculo e inebria a plateia. Apaixonada e abandonada, ela jura vingança! Estamos no morro, na favela, na Grécia! É Joana, é Medéia, é apenas a incrível Bibi Ferreira!

Basta um dia! Gota d’água! Cantadas com emoção, força e paixão leva a todos os que assistem ao espetáculo se emocionar às lágrimas.

“Prá mim basta um dia”!

“Deixa em paz meu coração, ele é um pote até aqui de mágoa!”





“Só um dia. Belo dia. Pois se jura, se esconjura!”

Mas qualquer desatenção faça não, pode ser a gota d’água!”

Bibi Ferreira, uma das maiores atrizes do teatro brasileiro, é referência de brasilidade. A emoção de vê-la em cena é sem dúvida, inesquecível. Suas transformações a fazem ser a francesa Piaf ou a fadista portuguesa Amália Rodrigues. Numa metamorfose mediúnica Bibi, deixa de ser a filha do Senhor Procópio Ferreira e se transforma em outras mulheres, quase lhes roubando a identidade.

Brasileira nascida e criada em teatros, fez sua estreia, com apenas 24 dias de vida, substituindo uma boneca, que desaparecera antes de um espetáculo. Naquele momento os deuses do teatro a abençoaram e nós brasileiros fomos agraciados com uma grande Dama da nossa Dramaturgia, Bibi Ferreira.





## 03 – Uma joia de Ouro Preto

Na década de setenta, eu vivi envolto por uma nuvem de “mineirices”. Foi quando conheci Léa, Geraldo e Gislane, três mineiros, que cursavam mestrado na PUC / RJ. Com eles aprendi que mineiro gosta de conversar acompanhado de pão de queijo e de café “doçado”. Também foi com este trio que, no meu Fusca, desbravei estradas mineiras. Conheci Sete Lagoas, Maquiné, Caetés, Sabará, São João d’El Rey, Tiradentes, Mariana e Ouro Preto onde essa história aconteceu.

Eu já havia estado em Ouro Preto participando de um festival de inverno. Diante de tanta alegria e hospitalidade do povo, foi que no ano seguinte 1975, resolvi voltar a participar daquele evento. Creio que as mãos do destino, estavam guiando-me para um encontro inusitado. Passeando pela cidade, com meu amigo Geraldo, descendo uma das ruas de ladeira, avistei sentada num portão, uma senhora com roupas coloridas, chapéu de palha enfeitado com flores e um cajado cheio de fitas coloridas. Perguntei ao meu amigo quem era aquela mulher. Era a Sinhá Olympia, foi o nome que ouvi. Caminhei até ela e pude trocar algumas palavras, pois a emoção tomou conta de mim diante do que eu estava podendo ver e tocar.

Havia muita luz em torno de Sinhá Olimpia!

Uma mineira, que procurei conhecer através de conversas com meus amigos e material literário que encontrei pelas livrarias e bibliotecas. Deste encontro restou uma foto, tirada pelo Gê, que guardo carinhosamente.

Olímpia Angélica de Almeida Cotta, *nasceu*: em agosto de 1889.





Quem visitou Ouro Preto entre os anos 60 e 70 teve a honra de conhecer Sinhá Olympia. O visual extravagante era composto por roupas coloridas, chapéus sempre enfeitados com flores e papéis coloridos de balas e bombons. Usava bijuterias grandes e como apoio um cajado, todo enfeitado com flores e tiras de papel colorido. Ela estava sempre acompanhada de um cigarro. Retratada por fotógrafos e pintores, foi inspiração de músicos e até tema de desfile da Mangueira, em 1990. Era mulher de personalidade forte, sem papas na língua, e excelente contadora de histórias. Os estudantes das Universidades e moradores das repúblicas, a chamavam de Imperatriz do Brasil, garantindo a ela entrada em todos os lugares da cidade, pois afinal ela era a grande Senhora de Ouro Preto.

Ao seu redor giravam muitas histórias. O imaginário popular criava sobre aquela mulher diversos contos, porém o que se tem de concreto é, que ela teve boa educação. Estudou no Colégio das Freiras Vicentinas, em Mariana. Gostava de ler, escrever poesias, tocava piano e falava Latim. Atuou como professora até os 22 anos. Dizem que foi uma mulher de beleza inigualável, o que talvez nos faça entender uma de suas frases:

*“Eu era uma só e todos queriam dançar comigo. Sabe o que aconteceu? A escolha era tão difícil, os rapazes eram tão bonitos, que eu acabei não casando com nenhum.”*

Olympia nasceu num distrito de Mariana, a 31 de agosto de 1889, chamado Santa Rita do Durão, era a penúltima filha de uma família de 16 irmãos.

Dentre as muitas histórias que permeiam a sua vida, existe a do amor impossível, ela menina rica apaixonou-se por uma rapaz pobre. Impedida pela família, mergulhou num mundo que era apenas seu. Dizem que entrou em um estado de depressão. Passou por uma fase silenciosa, triste, séria. Gostava de ficar na janela e era vista sempre chorando.







Olympia viveu em seus sonhos, provavelmente o que não poderia ter vivido na vida real. “Talvez” ela tenha nascido numa época em que ainda não conseguiam entender a sua forma de ver o mundo. “Talvez” tenha sido um pouco “hyppie”, mas nada disso está registrado nos livros.

Sinhá Olympia, a cidadã Olímpia Angélica de Almeida Cotta, morreu em 1976 e foi sepultada no cemitério da Igreja de São José.

“Lá vai Ouro Preto embora, todos bebem e ninguém chora...”

*Sinhá Olympia*

